

## **Diversidade na velhice: a construção de identidades LGBTQI+ - uma revisão sistemática**

Diversity in old age: building LGBTQI+ identities - a  
systematic review

*Prof. Dr. Thiago de Almeida<sup>1</sup>*

*Prof. Dr. Clóvis Ecco<sup>2</sup>*

### **Resumo**

A população idosa LGBTQIA+ vive uma dupla forma de discriminação — etarista e relacionada à orientação sexual e/ou identidade de gênero — que produz maior vulnerabilidade social e em saúde. Este estudo analisa o impacto de mudanças sociais, culturais e legais sobre esse grupo 60+ e apresenta uma revisão sistemática realizada nas bases PsycINFO, SciELO e Pepsic, cobrindo o período de janeiro de 2019 a outubro de 2024, com critérios explícitos de inclusão e exclusão. Foram examinados nove estudos centrais, complementados por dossiês nacionais e produções de referência sobre envelhecimento LGBTQI+, o que permitiu evidenciar intersecções entre envelhecimento, sexualidade e gênero e indicar implicações para políticas públicas de inclusão. Os resultados contribuem para a compreensão das interseccionalidades entre envelhecimento, sexualidade e identidade de gênero e contribui para minimizar lacunas significativas das áreas das humanidades. A relevância prática se torna evidente,

---

<sup>1</sup>PUC-Goiás. Psicólogo pela Universidade de São Carlos, Mestre pelo Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP, Doutor pelo Departamento de Psicologia da Aprendizagem do Desenvolvimento da Personalidade do Instituto de Psicologia da USP. Pós-doutor pela Escola de Artes e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Pós-doutor pela Escola de Formação de Professores e Humanidades (PUC-GO). Especialista em Neuropsicologia pelo CRP-SP. Especialista em Psicologia Escolar/Educacional pelo CRP-SP. Especialização em Psicologia e Saúde Mental, Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional, Psicopedagogia Clínica e Institucional, Educação de Jovens e Adultos e Aperfeiçoamento em Psicologia, Educação e Desenvolvimento pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo. <https://orcid.org/0000-0003-4988-9317>  
[thiagodealmeida@thiagodealmeida.com.br](mailto:thiagodealmeida@thiagodealmeida.com.br)

<sup>2</sup>PUC-Goiás. Coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutorado em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Graduação em Teologia pelo Instituto Missionário de Teologia. Graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco. <https://orcid.org/0000-0002-6922-4665>  
Email: [clovisecco@uol.com.br](mailto:clovisecco@uol.com.br)

com o debate atribuído a influências de políticas públicas direcionadas para inclusão social e saúde da população idosa.

**Palavras-chave:** Idosos; LGBTfobia; etarismo; políticas públicas.

### **Abstract**

The older LGBTQIA+ population experiences a dual form of discrimination — ageism and prejudice related to sexual orientation and/or gender identity — which results in heightened social and health vulnerability. This study examines the impact of social, cultural, and legal changes on this 60+ group and presents a systematic review carried out in the PsycINFO, SciELO, and Pepsic databases, covering the period from January 2019 to October 2024, applying explicit inclusion and exclusion criteria. Nine core studies were analyzed, complemented by national dossiers and reference works on LGBTQIA+ aging, which made it possible to highlight the intersections between aging, sexuality, and gender, and to delineate implications for inclusive public policies. The findings contribute to a better understanding of the intersectionalities linking aging, sexuality, and gender identity and help to reduce significant gaps in the humanities. The practical relevance is evident, insofar as the discussion informs public policies aimed at the social inclusion and health of the older population.

**Keywords:** Elderly; LGBTphobia; ageism; public policies.

### **Introdução**

A velhice de pessoas LGBTQIA+ é atravessada simultaneamente pelo etarismo e pela discriminação sexual e de gênero, o que produz uma condição de vulnerabilidade acumulada. Além de sofrerem preconceitos geracionais, muitos são marginalizados nas próprias comunidades e permaneceram historicamente invisíveis nas políticas públicas e nos estudos sobre envelhecimento. Discutir as velhices LGBTQIA+, portanto, não é apenas um gesto de reconhecimento simbólico, mas uma exigência para ampliar direitos, qualificar o cuidado e diversificar as narrativas sobre envelhecer. O processo de envelhecimento LGBTQI+ traz questões de acesso à direitos, cuidados de saúde específicos e inclusão social, especialmente para indivíduos que enfrentaram discriminação ao longo dos anos. A análise das experiências de velhice LGBTQI+ contribui para a

criação de um ambiente mais inclusivo, em que essas pessoas possam vivenciar a etapa da velhice com dignidade, suporte e reconhecimento. Sob o ponto de vista social, abordar esse tema estimula a reflexão sobre a diversidade dos tipos de envelhecimento, desafiando estereótipos e promovendo o respeito às diferentes formas de vivenciar essa fase da vida.

No campo acadêmico, trata-se de uma agenda ainda em consolidação, situada entre a gerontologia, os estudos de gênero e a psicologia social. As pesquisas sobre trajetórias de vida e identidades LGBTQI+ na maturidade permitem problematizar como gênero e sexualidade são vividos no curso da vida e, ao mesmo tempo, suprir lacunas ainda presentes na literatura brasileira sobre saúde, políticas públicas e redes de suporte (Araújo; Silva, 2020; Henning, 2017; 2020; Gomes; Araújo; Salgado et al., 2020).

No Brasil, a gerontologia voltada para populações LGBT avança de modo gradual e muito apoiada no diálogo com produções norte-americanas e europeias (HENNING, 2017; 2020). Apesar de ainda pouco desenvolvida no contexto sul-americano, essa produção tem mostrado que o envelhecimento LGBT exige desenho específico de políticas e serviços.

Nesse cenário, a construção das identidades LGBTQI+ ocorre em contexto de elevada complexidade, influenciado pelas transformações sociais, culturais e legais das últimas décadas. Essas mudanças engendram um pano de fundo dinâmico e múltiplo que não apenas molda as experiências de envelhecimento dessa população, mas também redefine as formas de viver e expressar as diversas identidades. Dessa maneira, observa-se uma interconexão entre os estudos de Gerontologia LGBT e a análise das identidades LGBTQI+ na velhice, uma vez que ambos os campos dialogam sobre desafios e as potencialidades que envolvem as trajetórias de envelhecimento em um panorama de constantes transformações sociais.

As representações sociais da velhice LGBTQI+, conforme discutido por Santos; Araújo; Fonseca et al. (2020), são, em grande parte, carregadas de estigmas e preconceitos, como a solidão e o sofrimento, refletindo a invisibilidade histórica dessa população nas esferas pública e privada. Esse processo de marginalização se reforça pelas teleologias heteronormativas, que negam a diversidade sexual e de gênero na velhice. Por esta via, Henning (2017) insere a população idosa LGBTQI+ em um campo de resistência e luta por visibilidade.

A despeito disso, mudanças sociais e legais recentes têm proporcionado algumas conquistas importantes para a comunidade LGBTQI+, especialmente no que se refere ao reconhecimento legal e à possibilidade de formação de famílias homoafetivas. Pela análise de Araújo et al. (2017), o envelhecimento da população LGBTQI+ tende a seguir o mesmo crescimento demográfico da população idosa geral. Estima-se que nos próximos anos o público 60+ aumente significativamente.

A sexualidade também se enquadra em um aspecto central nas discussões sobre a velhice LGBTQI+, mas, frequentemente, permeia pela negação ou estigmas. Gomes; Araújo; Salgado et al. (2020) participam desta discussão e confirmam preconceitos e discriminação tanto por sua orientação sexual quanto por sua idade. Estudos (*e.g.*, Santos; Araújo; Negreiros, 2018) revelam que muitos desses indivíduos enfrentam dificuldades em acessar serviços de saúde adequados, bem como suporte psicossocial, o que agrava a invisibilidade e o isolamento social.

Esses fatores de invisibilidade e preconceito são agravados pelo que Henning (2020) denomina de "teleologias heteronormativas", que sugerem que a velhice plena e realizada só seria possível dentro de padrões heteronormativos de vida. No entanto, a emergência de novos modos de politização da velhice LGBTQI+ está abrindo espaços para a reconfiguração dessa fase da vida, permitindo que pessoas LGBTQI+ idosas vislumbrem futuros mais inclusivos e viáveis (Henning, 2020).

Realizadas essas considerações iniciais, esta pesquisa teve como objetivo principal, investigar o impacto das mudanças sociais, culturais e legais na vida deste público 60+, destacando as transformações ao longo das últimas décadas.

## **Método**

Realizou-se uma varredura da literatura para identificar e analisar estudos relevantes sobre o envelhecimento da população LGBTQI+ e os impactos das transformações sociais, culturais e legais em suas vidas. Dessa forma, procedeu-se a uma busca computadorizada e foi conduzida nas seguintes bases de dados indexadoras: PsycINFO, SciELO e Pepsic. A pesquisa abrangeu publicações desde o ano 2019 até outubro de 2024, permitindo capturar as transformações ocorridas nos últimos 5 anos, com vistas a visibilizar o estado de arte das pesquisas brasileiras que se ocuparam unicamente deste tema na condução do estudo.

Utilizou-se termos/palavras-chave em português e inglês, combinados com operadores booleanos ("AND", "OR"), da seguinte forma:

- **Em português:**
  - "LGBTQIA+" OR "LGBT" OR "homossexualidade" OR "transsexualidade" OR "diversidade sexual"
  - "idosos" OR "envelhecimento" OR "terceira idade" OR "velhice"
  - "saúde mental" OR "saúde física" OR "políticas públicas" OR "interseccionalidade" OR "inclusão social" OR "violência"
- **Em inglês:**
  - "LGBTQIA+" OR "LGBT" OR "homosexuality" OR "transgender" OR "sexual diversity"

- "elderly" OR "aging" OR "third age" OR "old age"
- "mental health" OR "physical health" OR "public policies" OR "intersectionality" OR "social inclusion" OR "violence"

### **Combinações de exemplos:**

- "LGBTQIA+" AND "envelhecimento" AND "saúde mental"
- "diversidade sexual" AND "idosos" AND "políticas públicas"
- "homossexualidade" AND "velhice" AND "interseccionalidade"

Estabeleceram-se como critérios de inclusão: (1) estudos que tratassem diretamente do envelhecimento de pessoas LGBTQI+ no contexto brasileiro; (2) publicações entre janeiro de 2019 e outubro de 2024; (3) artigos empíricos, teóricos ou de revisão, revisados por pares, disponíveis na íntegra; (4) foco em temas de saúde física e mental, políticas públicas, interseccionalidade ou violência.

Foram excluídos: (a) textos sem rigor metodológico; (b) resenhas, cartas, editoriais e ensaios não avaliados por pares; (c) duplicatas entre bases; (d) materiais sem acesso completo até a data da busca inicial (out. 2024).

A busca utilizou descritores em português e inglês relacionados a LGBTQIA+, envelhecimento/old age e saúde/políticas públicas, combinados com operadores booleanos.

Realizada a varredura dos dados, partiu-se para a realização de/da: 1) Triagem inicial: leitura dos títulos e resumos para identificar estudos potencialmente relevantes; 2) Seleção secundária: leitura completa dos artigos selecionados na triagem inicial para verificar o cumprimento dos critérios de inclusão e exclusão; 3) Extração de dados: coleta de informações relevantes dos

estudos incluídos, como objetivos, metodologia, resultados principais e conclusões; 4) Análise e síntese: análise qualitativa dos dados extraídos, identificando temas recorrentes, lacunas na literatura e oportunidades para futuras pesquisas.

Após atender a todos os critérios de pesquisa, elencou-se oito estudos: (Ferreira; Costa, 2024; Francisco; Barros; Pacheco et al., 2020; Gomes; Araújo; Salgado et al., 2020; Henning, 2020; Santos; Araújo; Fonseca et al., 2020; Silva; Santos; Souza et al., 2022; Silva; Silva; Vasconcelos et al., 2023; Souza Jr. 2021) e foram adicionalmente acrescentados outros três estudos (Almeida; Lima; Panho et al., 2018; Henning, 2017; Santos; Araújo; Negreiros, 2018); e dois livros: (Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2023 e Araújo; Silva, 2020) que fundamentaram adequadamente os resultados. Os resultados deste estudo serão sintetizados, de acordo com a Figura 1 e comentados nos tópicos, a seguir:

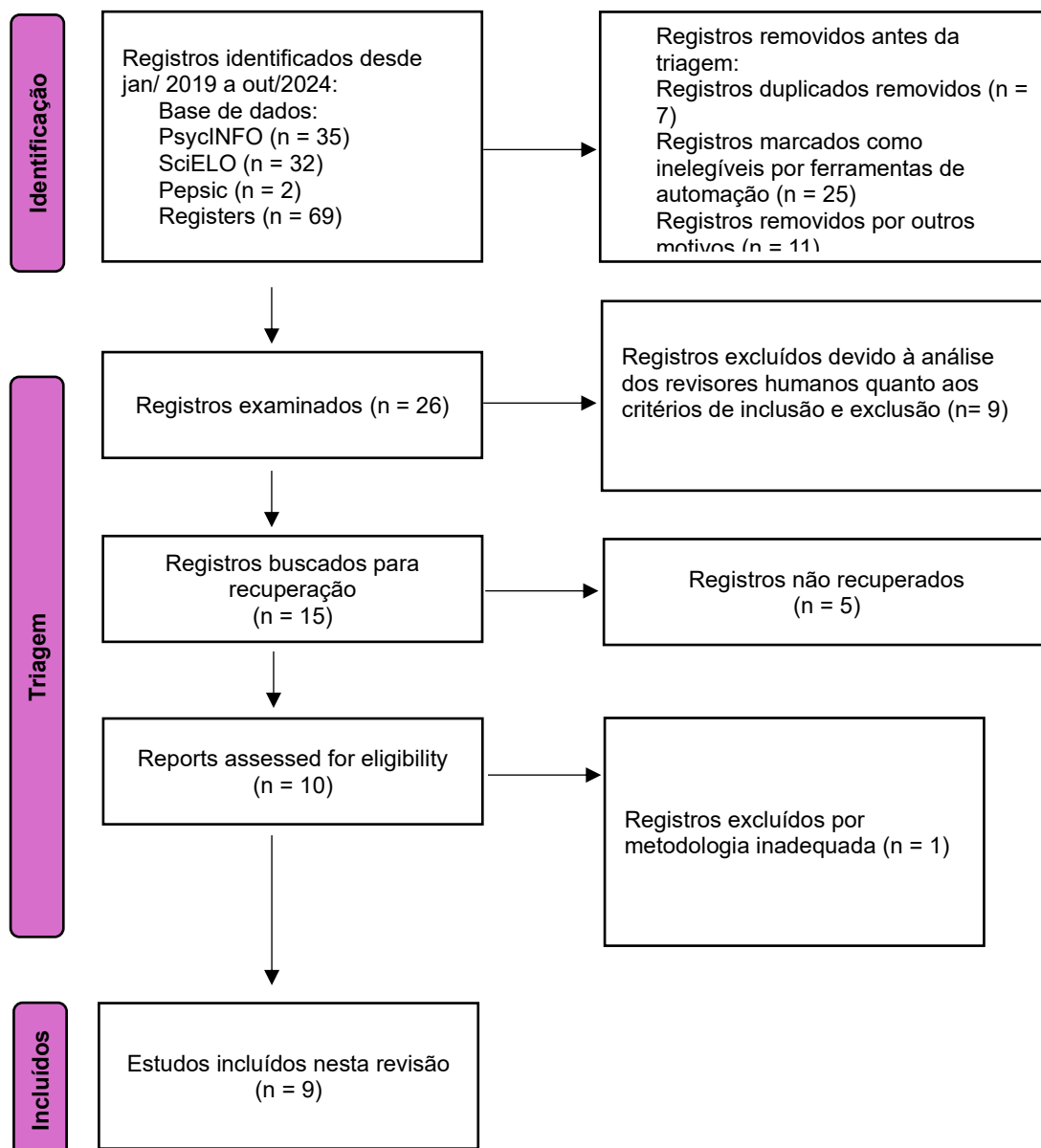


Figura 1. Fluxograma PRISMA (2020) do processo de seleção dos estudos.

### Contextualização histórica das Identidades LGBTQI+ e a Velhice

A construção e desenvolvimento das identidades LGBTQI+ ao longo do século XX foram marcados por intensas transformações sociais, culturais e políticas que afetaram profundamente as gerações que, atualmente, estão na etapa da velhice. No início do século, a sexualidade e identidade de gênero divergente dos padrões heteronormativos eram severamente reprimidas por normas sociais, religiosas e legais.

Ao longo do século XX, identidades e práticas dissidentes foram submetidas a um regime de patologização, criminalização e vigilância moral, o que levou muitas pessoas hoje idosas a viverem sua sexualidade de modo discreto ou clandestino. A emergência dos movimentos LGBT a partir de 1969 e, no Brasil, a reabertura política, produziram oportunidades de visibilidade, mas essas conquistas chegaram tardiamente para a geração que atualmente está na velhice (Almeida; Lima; Panho et al., 2018; Gomes; Araújo; Salgado et al., 2020; Santos; Araújo; Negreiros, 2018). Assim, grande parte dessas pessoas viveu suas identidades de forma clandestina, sem acesso a redes de apoio comunitário, que emergiriam apenas nas décadas seguintes.

A luta pelos direitos civis LGBTQIA+, impulsionada pela descriminalização da homossexualidade e o reconhecimento de uniões homoafetivas, resultou em uma ruptura nas formas de vivenciar a sexualidade e identidade de gênero na velhice (Henning, 2020). Conquistas como o casamento e a adoção trouxeram novas formas de sociabilidade e pertencimento, apesar da população idosa LGBTQIA+ ainda enfrentar desafios relacionados à solidão, abandono familiar e o difícil acesso a serviços especializados (Henning, 2017; Ferreira; Costa, 2024).

No contexto contemporâneo, a Gerontologia LGBTQIA+ tem emergido no cenário acadêmico como um campo importante para compreender as especificidades desse grupo, no que diz respeito às dinâmicas de preconceito e estigmatização que persistem na velhice. Henning (2017) nomeia interseccionalidade como lente fundamental para entender como o envelhecimento LGBTQIA+ é atravessado por diferentes formas de opressão, incluindo o etarismo e a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero (Ferreira; Costa, 2024).

Assim, ao contextualizar historicamente a trajetória das identidades LGBTQI+ entre o público 60+, observa-se que os avanços sociais e legais do último século, embora significativos, ainda não são suficientes para garantir o envelhecimento digno e sem preconceitos para essa população. A luta pelos

direitos LGBTQI+ deixou marcas geracionais profundas, criando uma dinâmica de vivência da identidade na velhice, mas os desafios continuam a ser enfrentados coletivamente.

### **Mudanças legais e sociais: conquistas e desafios para a população LGBTQI+ idosa**

A população LGBTQI+ idosa enfrenta uma realidade marcada por conquistas e desafios, moldada por transformações legais e sociais nas últimas décadas. Embora os avanços em termos de direitos civis e reconhecimento legal tenham ampliado o acesso à dignidade e igualdade, os impactos desses progressos sobre a vida e o envelhecimento dessa população são complexos e ainda não plenamente resolvidos. O reconhecimento legal de direitos, como o casamento igualitário, assim como as mudanças sociais na aceitação da diversidade sexual e de gênero alteraram as expectativas e a vivência do envelhecimento LGBTQI+.

Nas últimas décadas, vários países ao redor do mundo implementaram importantes mudanças legais que garantiram direitos civis às pessoas LGBTQI+, especialmente em termos de casamento, adoção e proteção contra discriminação. Essas transformações, que começaram a ganhar força a partir dos anos 1990 e 2000, impactaram diretamente a vida das pessoas LGBTQI+, incluindo a população idosa.

O reconhecimento jurídico de uniões e famílias homoafetivas — no Brasil, a partir de 2013 — ampliou direitos sucessórios, previdenciários e de acesso a benefícios, permitindo que relações de longa duração entre pessoas do mesmo sexo fossem finalmente reconhecidas. Contudo, a efetividade desses direitos ainda é desigual entre países e mesmo dentro do território nacional, especialmente quando se trata de idosos LGBTQI+ que dependem de instituições de cuidado ou de sistemas de saúde pouco preparados para acolhê-los (Henning, 2017; 2020; Santos; Araújo; Negreiros, 2018).

Além do casamento, a adoção de legislações antidiscriminatórias em países como o Canadá, Reino Unido e Brasil proporcionou avanços significativos, embora o impacto dessas leis sobre a vida dos idosos LGBTQI+ dependa da implementação prática e da conscientização social. A falta de políticas públicas voltadas para essa população, no que diz respeito ao cuidado e acolhimento em instituições de longa permanência, representa um grande desafio. A pessoa idosa LGBTQI+ enfrenta discriminação em instituições de longa permanência e em outros espaços de cuidados, em que suas identidades são invisibilizadas ou rejeitadas (Henning, 2017; Silva; Silva; Vasconcelos et al., 2023).

Além das mudanças legais, as transformações sociais nas últimas décadas têm alterado as expectativas de envelhecimento das populações LGBTQI+. O aumento da aceitação social e a visibilidade da diversidade sexual e de gênero têm proporcionado novas formas de vivência da identidade e alterado as dinâmicas familiares e comunitárias. Enquanto gerações anteriores de pessoas LGBTQI+ envelheceram muitas vezes no isolamento e na clandestinidade, as gerações mais recentes têm, em muitos contextos, maior liberdade para expressar suas identidades e construir redes de apoio, seja através de famílias escolhidas, seja em comunidades voltadas para o acolhimento de pessoas LGBTQI+ idosas (Gomes; Araújo; Salgado et al., 2020).

Porém, essas mudanças sociais são acompanhadas por desafios únicos. Geralmente, a pessoa idosa LGBTQI+ passa a maior parte de sua vida em contextos de discriminação e invisibilidade. O preconceito etário combinado com a homofobia, transfobia e outras formas de intolerância, continua a ser uma barreira para o acesso a serviços de saúde, habitação e suporte social (Henning, 2017; Santos; Araújo; Negreiros, 2018).

Por sua vez, a crescente visibilidade e politização das questões LGBTQI+ entre o público 60+, impulsionada por organizações e movimentos de base, tem possibilitado o desenvolvimento de iniciativas comunitárias voltadas

especificamente para o acolhimento e cuidado dessa população. Exemplos incluem a criação de centros de convivência LGBTQI+ e programas de saúde mental voltados para os desafios, comuns à velhice. Não obstante, as expectativas de envelhecimento entre essa população ainda são permeadas por incertezas quanto à garantia de um envelhecimento digno e com acesso pleno aos direitos conquistados.

### **Vivências de gênero e sexualidade LGBTQI+ na velhice**

O envelhecimento da população LGBTQI+ traz à tona uma série de questões relacionadas às identidades de gênero e à sexualidade, desafiando estereótipos e tabus que tradicionalmente cercam essas temáticas na velhice. Para muitas pessoas LGBTQI+ idosas, o envelhecimento é uma fase marcada pela ressignificação de suas identidades e vivências sexuais, particularmente para pessoas trans e não binárias, cujas trajetórias de vida muitas vezes desafiam os padrões heteronormativos e binários predominantes. Ao longo deste tópico, analisaremos como as identidades de gênero e sexualidade são transformadas nesta fase da vida, destacando as especificidades e desafios enfrentados por essa população.

Na velhice, essas questões podem se tornar ainda mais complexas, pois o envelhecimento muitas vezes desafia as normas de gênero estabelecidas e coloca em evidência as tensões entre corpo, identidade e sociedade. Para pessoas trans e não binárias, a velhice pode significar tanto a consolidação de uma identidade longamente reivindicada quanto o agravamento de barreiras de acesso a cuidados de saúde, sobretudo hormonais e cirúrgicos. A combinação de idade, gênero dissidente e condições socioeconômicas mais frágeis restringe o exercício pleno dessa identidade em serviços de saúde e Instituições de Longa Permanência (ILPIs) (Alves, 2021).

Por sua vez, o envelhecimento pode trazer maneiras de ressignificação das identidades de gênero. Para algumas pessoas trans e não binárias, a velhice

oferece a oportunidade de viver suas identidades de maneira mais plena, especialmente em um contexto social em que a diversidade de gênero começa a ser mais amplamente aceita. Mas essa experiência não é universal. Em muitos contextos, pessoas trans idosas continuam a enfrentar discriminação em serviços de saúde, centros de convivência, centros-dia, instituições de longa permanência. Assim como em outros lugares, suas identidades de gênero são negadas ou desrespeitadas (Henning, 2020; Santos; Araújo; Fonseca et al., 2020).

A ressignificação das identidades de gênero na velhice também pode ser vista na formação de redes de apoio e comunidades LGBTQI+, que oferecem suporte emocional e social para aqueles que enfrentam o isolamento ou a rejeição de suas famílias de origem. Essas redes de apoio são essenciais para que as pessoas trans idosas possam vivenciar suas identidades com dignidade e respeito, desafiando os estigmas em torno do envelhecimento e da transgeneridade (Henning, 2020; Silva; Silva; Vasconcelos et al., 2023).

A velhice ainda é socialmente associada à assexualidade. Quando se trata de pessoas LGBTQI+, esse apagamento é duplo: somam-se o etarismo e a heteronormatividade, o que torna menos visíveis suas demandas por intimidade, afeto e prazer. Estudos brasileiros recentes mostram, porém, que a sexualidade permanece componente relevante do bem-estar nessa fase da vida. (Henning, 2020; Santos; Araújo; Negreiros, 2018).

Estudos recentes (*e.g.*, Silva; Santos; Souza et al., 2022) apontam que a sexualidade continua a ser uma parte importante da vida de muitas pessoas LGBTQI+ idosas, embora seja vivenciada de maneiras diversas e muitas vezes adaptadas às mudanças físicas e emocionais, advindas do processo de envelhecimento. Ela não se limita ao ato sexual, mas abrange uma ampla gama de experiências de intimidade, afeto e companheirismo, que são fundamentais para o bem-estar emocional e psicológico.

Para muitas pessoas LGBTQI+ idosas, a sexualidade se torna forma de resistência à estereótipos sociais e de reivindicação à sua identidade e autonomia.

A experiência de uma sexualidade isenta de preconceitos, permite que essas pessoas desafiem as normas que associam o envelhecimento à perda de desejo e intimidade. No entanto, o acesso a serviços de saúde sexual adequados, que considerem as especificidades das pessoas LGBTQI+ idosas, ainda é uma questão que precisa ser abordada. Elas relatam dificuldades em acessar cuidados de saúde que respeitem sua orientação sexual e identidade de gênero, o que pode comprometer a sua saúde sexual e emocional (Gomes; Araújo; Salgado et al., 2020; Henning, 2017).

Outro aspecto relevante da sexualidade em pessoas idosas LGBTQI+ é o papel das redes de apoio e das "famílias escolhidas" na promoção de uma vivência sexual e afetiva saudável. Por vezes, elas dependem dessas redes para superar o isolamento social e manter uma vida sexual e afetiva ativa. A criação de espaços inclusivos, como centros de convivência LGBTQI+, torna-se fundamental para garantir que essa população possa envelhecer com dignidade e com acesso a cuidados que respeitem sua identidade e sexualidade (Alves, 2021; Henning, 2020).

### **Impacto da interseccionalidade na experiência de envelhecimento LGBTQI+**

A interseccionalidade se traduz em conceito chave para compreender a diversidade de experiências dentro da população LGBTQI+, especialmente quando se trata de indivíduos que estão envelhecendo. O conceito foi desenvolvido por Kimberlé Crenshaw (1991) para analisar como diferentes identidades sociais — como gênero, raça, classe, etnia e sexualidade — se interseccionam, gerando camadas de opressão ou privilégio. No contexto do envelhecimento LGBTQI+, a interseccionalidade revela como essas múltiplas identidades influenciam profundamente as trajetórias de vida, incluindo as formas como essas pessoas vivenciam a inclusão ou exclusão social, bem como a discriminação típica na etapa da velhice. Este tópico do texto explora as

complexidades da interseccionalidade no envelhecimento LGBTQI+, focando nas intersecções de gênero, raça e classe, além de abordar a marginalização dupla causada pela idade e pela discriminação LGBTQI+.

A perspectiva interseccional (Crenshaw, 1991) mostra que envelhecer como pessoa LGBTQI+ não é uma experiência homogênea. Raça, classe e gênero reorganizam o risco social: idosos LGBTQI+ negros, indígenas, pobres ou mulheres enfrentam simultaneamente etarismo, LGBTfobia e racismo/sexismo estruturais, o que reduz o acesso a renda, moradia e serviços e intensifica o isolamento (Alves, 2021; Henning, 2017; 2020; Santos; Araújo; Negreiros, 2018; Silva; Silva; Vasconcelos et al., 2023).

Além disso, o racismo estrutural adiciona uma camada adicional de exclusão para pessoas LGBTQI+ de minorias raciais e étnicas. Em muitos contextos, pessoas LGBTQI+ negras ou indígenas enfrentam discriminação em múltiplas frentes, o que pode limitar seu acesso a redes de apoio e serviços comunitários, além de gerar uma sensação de isolamento ainda maior durante a velhice. A ausência de políticas públicas específicas para o envelhecimento de pessoas LGBTQI+ de minorias raciais reflete a invisibilidade dessas populações nos discursos gerais sobre envelhecimento e inclusão social (Henning, 2017; 2020; Santos; Araújo; Negreiros, 2018).

A marginalização de pessoas LGBTQI+ idosas demarca a “discriminação dupla”, que combina o preconceito relacionado à idade com a discriminação baseada na orientação sexual ou identidade de gênero. Essa combinação de fatores leva muitas pessoas LGBTQI+ idosas a enfrentar níveis profundos de invisibilidade e isolamento social. Mesmo com os avanços em termos de direitos LGBTQI+, a velhice continua sendo um território onde a diversidade sexual e de gênero é pouco reconhecida ou respeitada, tanto em espaços públicos quanto em instituições de cuidado (Alves, 2021).

O isolamento social se constitui em um dos maiores desafios enfrentados por pessoas LGBTQI+ idosas. Muitas dessas pessoas não têm filhos ou laços familiares próximos devido a histórias de rejeição familiar, o que as leva a depender de redes de amigos ou de "famílias escolhidas" para suporte emocional e social. No entanto, com o envelhecimento, essas redes muitas vezes diminuem, resultando em um isolamento acentuado e em dificuldades para acessar cuidados adequados. Esse isolamento pode ter graves consequências para a saúde mental e emocional, intensificando sentimentos de solidão e depressão (Alves, 2021; Henning, 2017).

Outro aspecto da marginalização dupla é a invisibilidade da identidade LGBTQI+ em ambientes de cuidado. Em muitas residências de pessoas idosas e/ou em instituições de saúde, a sexualidade e a identidade de gênero das pessoas LGBTQI+ são ignoradas ou ativamente suprimidas. Isso cria ambientes onde essas pessoas não podem expressar plenamente quem são. O estigma que acompanha a velhice e a diversidade sexual e de gênero torna ainda mais difícil para essas pessoas reivindicarem seus direitos e receberem o tratamento adequado (Henning, 2020).

A discriminação estrutural também se reflete na falta de políticas públicas específicas para pessoas LGBTQI+ idosas. A maioria das políticas de saúde e inclusão social ainda não considera as necessidades específicas dessa população, o que resulta em uma carência de serviços adequados. Isso reforça a exclusão e marginalização dessas pessoas que, muitas vezes, precisam navegar em um sistema de cuidados que não reconhece suas identidades (Henning, 2020; Santos; Araújo; Negreiros, 2018).

Assim, a interseccionalidade e a marginalização dupla enfrentadas por pessoas LGBTQI+ idosas revelam as camadas complexas de discriminação e exclusão que precisam ser enfrentadas para garantir que essa população possa envelhecer com dignidade, respeito e inclusão social. A adoção de políticas públicas e a criação de espaços de cuidado inclusivos são passos essenciais para

abordar essas questões de forma eficaz e promover a justiça social para a população LGBTQI+ idosa.

### **Desafios e necessidades de saúde física e mental para pessoas LGBTQI+ idosas**

Questões de saúde mental, como a solidão e a depressão emergem como problemas centrais no processo de envelhecimento, enquanto as estratégias de resiliência desenvolvidas ao longo da vida podem ajudar a atenuar esses desafios. Este tópico explora o acesso aos cuidados de saúde e as questões relacionadas à saúde mental entre pessoas LGBTQI+ idosas, destacando as barreiras e as necessidades que ainda precisam ser abordadas.

No campo da saúde, o principal problema não é apenas o acesso, mas a forma como o serviço reconhece (ou não) a identidade do usuário. A ausência de formação específica leva profissionais a operar com estereótipos, o que resulta em atendimentos omissos ou discriminatórios e afasta idosos LGBTQI+ do cuidado contínuo (Alves, 2021; Henning, 2017; 2020; Silva; Silva; Vasconcelos et al., 2023).

Solidão, luto recorrente e depressão aparecem com frequência nas pesquisas sobre velhice LGBTQI+, especialmente entre quem perdeu vínculos familiares por motivo de orientação sexual ou identidade de gênero. Nessas situações, as “famílias escolhidas” funcionam como rede de proteção, mas nem sempre permanecem ativas ao longo do envelhecer (Francisco; Barros; Pacheco et al., 2020; Henning, 2017; Silva et al. 2022).

A depressão é outro problema comum entre pessoas LGBTQI+ idosas. As experiências de discriminação ao longo da vida, combinadas com o estigma em torno da sexualidade e da identidade de gênero, contribuem para a piora da saúde mental nessa fase da vida. Além disso, o envelhecimento traz consigo uma série de desafios físicos e emocionais, como a perda de autonomia, o luto por

amigos e parceiros que faleceram e as dificuldades de lidar com as mudanças corporais e sociais impostas pela velhice (Silva; Silva; Vasconcelos et al., 2023):

Ao lado desses desafios, elas desenvolvem estratégias de resiliência ao longo de suas vidas, que as ajudam a enfrentar as adversidades do envelhecimento. A resiliência é construída em parte pela capacidade de criar redes de apoio fora do núcleo familiar tradicional, como as "famílias escolhidas" compostas por amigos e parceiros. Essas redes muitas vezes substituem o apoio familiar convencional e oferecem suporte emocional e prático na velhice. Logo, desenvolvem uma forte capacidade de adaptação e enfrentamento, resultado das suas experiências anteriores de discriminação e exclusão (Gomes; Araújo; Salgado et al., 2020; Santos; Araújo; Negreiros, 2018).

Por fim, a resiliência individual não pode substituir a necessidade de uma infraestrutura de saúde inclusiva e de políticas que reconheçam as especificidades dessa população. É fundamental que os serviços de saúde estejam preparados para lidar com as necessidades físicas e mentais de pessoas LGBTQI+ idosas, garantindo que elas possam envelhecer com dignidade e acesso pleno aos cuidados de que necessitam (Alves, 2021; Gomes; Araújo; Salgado et al., 2020).

### **Políticas públicas e inclusão social para a velhice LGBTQI+**

De acordo com estudos, como podem ser citados Souza Jr. (2021) e Silva et al. (2022) cada vez mais se evidenciam que a pessoa idosa, encoberta pela dupla camada entre o preconceito e a falta de representatividade, que não faz parte do perfil heterossexual da sociedade, também enfrenta a falta de aceitação social e do sistema de saúde. Nas palavras de Silva et al. (2022):

A discriminação reduz o acesso dos idosos aos recursos necessários para envelhecer de forma ativa e saudável. No caso das minorias sexuais, há relatos de inúmeras barreiras organizacionais nos serviços de saúde, diretamente influenciadas pela orientação heteronormativa estabelecida na sociedade (p. 5).

As políticas atuais ainda não reconhecem de modo sistemático as especificidades da velhice LGBTQI+. É necessário incorporar esse recorte nas áreas de saúde, habitação e assistência, garantindo acolhimento em instituições de longa permanência, formação de profissionais e proteção contra discriminação (Henning, 2020; Silva; Silva; Vasconcelos et al., 2023) As políticas inclusivas precisam abordar áreas-chave como saúde, habitação, segurança social e o combate à discriminação, com o objetivo de garantir a inclusão plena dessa população nos serviços públicos e na sociedade em geral (Alves, 2021; Henning, 2017).

No campo da saúde, faz-se necessário que políticas públicas promovam o treinamento adequado de profissionais de saúde para lidar com as necessidades específicas desta população. Muitas vezes, a falta de conhecimento sobre as especificidades dessa população resulta em atendimentos inadequados, ou até mesmo em discriminação por parte dos profissionais. Políticas que garantam a inclusão destas pessoas em sistemas de saúde e que protejam seus direitos, são essenciais para assegurar que recebam cuidados apropriados e respeitosos, especialmente em áreas como saúde mental e cuidados paliativos (Gomes; Araújo; Salgado et al., 2020).

A habitação também é uma questão crítica para pessoas LGBTQI+ idosas. Muitos enfrentam o isolamento e a falta de apoio familiar, o que os torna particularmente vulneráveis ao abandono e à falta de moradia adequada. Políticas públicas que promovam a criação de moradias inclusivas, são fundamentais para garantir que essas pessoas possam envelhecer em ambientes seguros e acolhedores. Além disso, a garantia de segurança social, como pensões e benefícios, deve ser uma prioridade para assegurar que essa população tenha uma rede de apoio econômico sólida na velhice (Henning, 2020; Santos; Araújo; Negreiros, 2018).

O combate à discriminação precisa ser um eixo central nas políticas públicas voltadas. Embora avanços tenham sido feitos em termos de direitos civis e

igualdade, a discriminação baseada na orientação sexual e na identidade de gênero se constitui em uma realidade frequente em muitas áreas da vida, incluindo o trabalho, os serviços de saúde e os espaços de convivência.

Além das políticas públicas formais, programas de apoio e inclusão social desempenham um papel vital no fortalecimento da qualidade de vida e no combate ao isolamento social. Esses programas, que podem ser tanto governamentais quanto não governamentais, têm como objetivo integrar essas pessoas em espaços de convivência e garantir sua participação ativa na sociedade. Eles oferecem oportunidades de interação social, suporte emocional e acesso a serviços especializados, contribuindo para o bem-estar geral da população idosa LGBTQI+ (Henning, 2017; Silva; Silva; Vasconcelos et al., 2023).

Por sua vez, programas governamentais e iniciativas da sociedade civil que promovem o envelhecimento ativo e a inclusão em atividades sociais, culturais e políticas têm mostrado resultados positivos (Gomes; Araújo; Salgado et al., 2020; Silva; Silva; Vasconcelos et al., 2023). Tais programas buscam garantir que essas pessoas possam envelhecer de maneira ativa, participando da vida social e exercendo sua cidadania plena. Programas de formação para profissionais de saúde e cuidadores também são fundamentais, pois garantem que o cuidado prestado a estas pessoas seja adequado e respeitoso.

Em alguns países, iniciativas específicas têm sido implementadas para atender às necessidades de saúde mental, oferecendo serviços de terapia e aconselhamento que abordam questões relacionadas à solidão, ao luto por parceiros ou amigos e à discriminação acumulada ao longo da vida (Henning, 2020; Silva; Silva; Vasconcelos et al., 2023). Esses programas têm sido especialmente importantes para ajudar a mitigar o impacto negativo da discriminação e do preconceito na saúde mental.

As parcerias entre o governo e organizações não governamentais são essenciais para o sucesso desses programas de apoio. As ONGs, muitas vezes,

têm uma maior capacidade de acessar e entender as necessidades específicas deste público, e suas colaborações com o poder público podem ampliar o alcance e a eficácia das iniciativas voltadas para essa população. Esses programas de apoio não apenas melhoram a qualidade de vida, mas também desempenham um papel na promoção da inclusão social e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária (Henning, 2020; Santos; Araújo; Negreiros, 2018).

### **Considerações finais**

Este estudo evidenciou que, embora haja avanços legais e maior visibilidade pública das identidades LGBTQI+, essas conquistas não alcançam de forma plena a população idosa. O mapeamento de produções brasileiras (2019–2024) mostra que os principais desafios permanecem concentrados em três frentes: (1) reconhecimento institucional das identidades em serviços de saúde e cuidado; (2) enfrentamento do isolamento social e das violências de base heteronormativa; (3) formulação de políticas específicas de envelhecimento para pessoas LGBTQI+. Pesquisas futuras podem aprofundar subgrupos ainda pouco visibilizados — especialmente pessoas trans, não binárias e mulheres lésbicas idosas — e avaliar intervenções de inclusão já existentes. A resignificação das identidades da população idosa, impulsionada pelas transformações sociais, culturais e legais das últimas décadas, demanda não apenas o reconhecimento das conquistas alcançadas, mas também uma atenção crítica às lacunas que ainda persistem na garantia de direitos e na promoção de um envelhecimento digno e inclusivo.

Portanto, as políticas públicas voltadas para a inclusão deste público devem ser priorizadas, com a criação de espaços seguros e programas de apoio que considerem as suas necessidades específicas. Além disso, importa promover a conscientização social sobre o envelhecimento LGBTQI+, desafiando estereótipos e preconceitos ainda prevalentes. Por meio de uma abordagem integrada, que inclua mudanças sociais, culturais e legais, será possível garantir que as pessoas

idosas possam vivenciar plenamente suas identidades com respeito e dignidade, assegurando um envelhecimento ativo e participativo.

## REFERÊNCIAS

- ACONTECE Arte e Política LGBTI+; Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA); Associação Brasileira De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT). *Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2023*. Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2024.
- ALVES, Mateus Egilson da Silva. *Envelhecimento e velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais*. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 13, n. 2, p. 189–194, 2021. DOI: 10.18256/2175-5027.2021.v13i2.4334.
- ALMEIDA, Thiago; LIMA, Rafael Diniz; PANHO, João Marcos; CANEZIN, Paulo Franklin Moraes. Homosexuality: brief history and considerations on the manifestation of jealousy in homosexual relationships. *Open Access Library Journal*, v. 5, p. 1-11, 2018.
- ARAÚJO, L. F. de; SILVA, R. J. S.; SANTOS, J. V. de O. Resiliência e Velhice: um estudo comparativo entre idosos de diferentes níveis socioeconômicos. *Revista Kairós-Gerontologia, [S. l.]*, v. 20, n. 1, p. 389–407, 2017. DOI: 10.23925/2176-901X.2017v20i1p389-407
- ARAÚJO, L. F.; SILVA, H. S. *Envelhecimento e velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais*. Campinas: Alínea, 2020.
- CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.
- FERREIRA, Luiz Antonio; COSTA, Guilherme Luiz Pereira. Interseccionalidade e suas potencialidades nos estudos sobre velhices e envelhecimentos LGBTQIA+ no Brasil. *Revista Longeviver*, 2024.
- FRANCISCO, L. C. F. L.; BARROS, A. C.; PACHECO, M. S.; NARDI, A. E.; ALVES, V. M. Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 69, n. 1, p. 48-56, 2020. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000255>.
- GOMES, H. Veras; ARAÚJO, L. F.; SALGADO, A. G. A. T.; JESUS, L. A. de; FONSECA, L. K. S.; ALVES, M. E. S. Envelhecimento de homens gays brasileiros: representações sociais acerca da velhice LGBT. *Psychologica*, v. 63, n. 1, p. 45-64, 2020.
- HENNING, C. E. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. *Horizontes Antropológicos*, v. 23, n. 47, p. 283-323, 2017.
- HENNING, C. E. O luxo do futuro: idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, n. 35, p. 133-158, 2020.

SANTOS, José Victor de Oliveira; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes; NEGREIROS, Fauston. Atitudes e estereótipos em relação à velhice LGBT. *Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão - SE, v. 29, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/9624>. Acesso em: 24 out. 2024.

SANTOS, J. V. de O.; ARAÚJO, L. F. de; FONSECA, L. K. S.; SALGADO, A. G. A. T.; JESUS, L. A. de. O que os brasileiros pensam acerca da velhice LGBT? Suas representações sociais. *Avances en Psicología Latinoamericana*, v. 38, n. 2, p. 1-14, 2020.

SILVA, K. P. A.; SILVA, S. P. C.; VASCONCELOS, E. C. F. R.; SILVA, J. V. A.; LEITE, R. C. N.; MACIEL, M. J. de L.; TAVARES, L. K. de B. A velhice LGBT sob a ótica da mídia. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, v. 97, n. esp., p. e023133, 2023. DOI: [https://doi.org/10.31011/raid-2023-v.97-n.\(esp\)-art.1844](https://doi.org/10.31011/raid-2023-v.97-n.(esp)-art.1844). Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/1844>. Acesso em: 24 out. 2024.

SILVA, Letícia Alcântara; SANTOS, Ester Lima; SOUZA, Helena Kellen Barbosa; PODEMELLE, Rubenya Martins; SOARES, Renê Ribeiro; MENDONÇA, Sarah de Souza. Envelhecimento e velhice LGBTQIA+: repercussões sobre a saúde física e mental de pessoas de meia-idade e idosos. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, [S. l.], v. 33, p. 10-13, 2022. DOI: 10.35919/rbsh.v33.1013. Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/1013](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1013). Acesso em: 24 out. 2024.

SOUZA JUNIOR, E. V.; SILVA FILHO, B. F. D.; BARROS, V. S.; SOUZA, Á. R.; CORDEIRO, J. R. J.; SIQUEIRA, L. R.; SAWADA, N. O. Sexuality is associated with the quality of life of the elderly! *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 74, supl. 2, e20201272, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1272>.